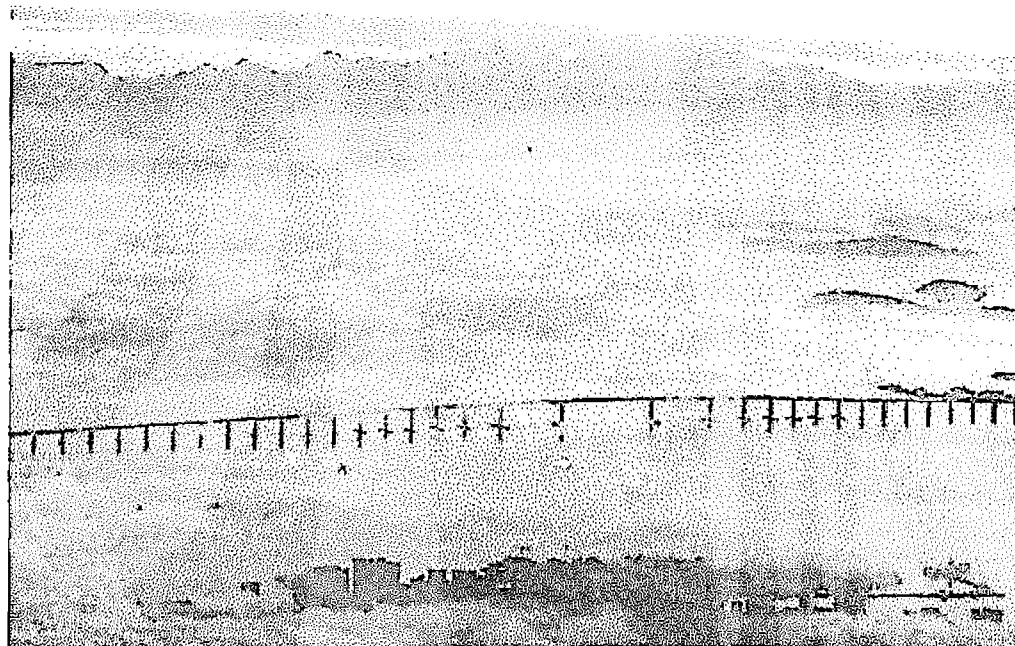


NITERÓI – REFLEXÕES E DEVANEIOS SOBRE UMA CIDADE

Rita de Cássia Santos Freitas

(Professora Adjunta da Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense)



RESUMO:

O presente texto se destina a tecer ligeiras considerações sobre a cidade de Niterói, a partir da premissa da contribuição individual de cada cidadão. A primeira tarefa que cada um pode se impor se refere à seguinte interrogação: *que cidade nós queremos?* Falar em políticas urbanas, transporte e habitação só faz sentido se temos claro onde queremos chegar. *Que cidade queremos construir?*

ABSTRACT:

The present text is destined to weave quick considerations on the city of Niterói, starting from the premise of each citizen's individual contribution. The first task that each one can be imposed refers to the following interrogation: *what city do we want?* To speak in urban politics, transport and habitation only makes sense if we have clear where want to arrive. *What city does want to build?*

Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último furo o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador.

(Clarice Lispector)

Comecei minha dissertação de mestrado utilizando uma citação de Sartre. Retorno à ela nesse momento: *desinvesti, mas não me evadi: escrevo sempre. Que outra coisa fazer?* Continuo acreditando que este é também o meu "hábito e meu ofício". Sartre dizia que por muito tempo chegou a tomar "sua pena" por uma espada. A idade lhe trouxe o entendimento de sua/nossa impotência. O correr dos anos me fez conhecer isso mais de perto. O que não faz diferença em relação à escrita; ela continua sendo um hábito e um ofício – uma das práticas nesta vida que mais me dá prazer. Concordo com Sartre quando diz que apesar de tudo, a escrita é necessária: *a cultura não salva nada nem ninguém, ela não justifica. Mas é um produto do homem (e da mulher): ele (ela) se projeta, se reconhece nela; só este espelho crítico lhe oferece a própria imagem.* É na busca dessa imagem que, acredito,

continuamos escrevendo.

Assim, hoje me sento novamente em frente a um computador. O teclado me olha, penso no que escrever. Hoje tenho como objetivo pensar a minha cidade. A Niterói que hoje conhecemos e que antigamente era chamada de “Bandas d’além mar”, tendo como referência a cidade do Rio de Janeiro. O espelho da baía que separa as duas cidades também as une. A inauguração da navegação a vapor em 1835 entre Niterói e o Rio de Janeiro, inicia o fluxo (que iria se intensificar brutalmente em 1974, com a inauguração da Ponte Rio-Niterói) de moradores do Rio para Niterói. O desenvolvimento urbano da metrópole faz com que a maior parte da população ativa desloque-se diariamente para trabalhar no Rio. E como fica/ficava a nossa cidade? É necessário estudar, percorrer seus recônditos para poder minimamente conhecê-la.

Nesse ano vivemos um acontecimento diferente. Ainda é difícil saber se essa diferença será positiva ou negativa. O fato é que presenciemos um momento de discussão no evento que teve o título de “Conferência das Cidades”. A diferença se anuncia boa na medida em que pensamos que quase nunca paramos para discutir esses assuntos. Resta saber que caminhos todas as discussões desenvolvidas irão seguir. Isso só o futuro (e a nossa atuação dentro dele, é claro) pode dizer.

Assim, esse texto se destina a tecer algumas considerações sobre esse tema. Não preciso dizer que trata-se de um texto nada conclusivo. Na verdade, não gosto de conclusões. É um texto que se propõe a pensar e divagar. Penso na mensagem de um poeta: “o pensamento parece uma coisa a toa, mas como é que a gente voa quando começa a pensar”... É verdade. O pensamento corre solto e nas suas asas percorro algumas páginas que visam problematizar, em última instância, a cidade que gostaria de viver.

Gostaria de começar com algumas reflexões. O que posso eu, como assistente social, professora, de dentro de meu dia-a-dia contribuir nessa discussão? Não sou arquiteta, engenheira, geógrafa – então o que me move? Creio que o mote para a ação seja pensar que dentro das casas, construções, parques e nos meios de transportes, existe vida, existe gente e “gente é pra brilhar, não pra morrer de fome”.

Se “cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”, como nos diz o poeta, é a partir do que sou e faço que posso pensar em minha cidade. Acho que a primeira tarefa que posso me impor se refere a seguinte interrogação: que cidade nós queremos? Falar em políticas urbanas, transpor-

te, habitação só faz sentido se temos claro onde queremos chegar. Que cidade queremos construir?

O processo de construção da cidadania normalmente é entendido enquanto uma apropriação histórica e processual dos direitos civis, políticos e sociais. Desde o tradicional texto de Marshall até as mais recentes reflexões de autores como Norberto Bobbio (em termos internacionais) ou José Murilo de Carvalho (pensando em termos tupiniquins) apontam para o processo histórico de construção da cidadania. Chegamos a elencar novos direitos: direitos humanos, direitos reprodutivos, direitos ecológicos... direitos que surgem e que imediatamente são também questionados. O que essa miríade de acréscimos (e discussões) apontam é para o fato de que nossa cidadania é constantemente produzida, reconstruída cotidianamente.

O fato é que o acréscimo desses outros direitos não significa em absoluto a conquista definitiva dos primeiros. Ao pensar em nossa cidade penso em como estamos longe dessa “coisa” chamada cidadania. Como? basta lembrar, por exemplo, que o primeiro deles, os direitos civis, ainda estão para ser devidamente vividos por todos os cidadãos de nossa cidade. O simples direito de ir e vir não é respeitado, o direito à vida não está garantido. E essa é uma realidade que podemos divisar de diversas formas.

Assim, entendo que para pensar na cidade que eu quero – e, por implicação, na que queremos – devemos partir do seguinte pressuposto: a necessidade de enfatizar a cidadania para todos, uma vez que queremos uma cidade para todos. Isso significa que o respeito à diferença ocupa uma posição central nessas reflexões. Procuro ouvir a minha voz, os meus desejos, mas também dialogar com o Outro, os meus contemporâneos. Quando falo em contemporâneos não trabalho na perspectiva de Simmel (o contemporâneo como aquele que comigo divide a cidade, mas que é distante de mim, quase um desconhecido). Não. Efetivamente não é esse o sentido que dou a essa palavra. Prefiro pensar em contemporâneo como o faz o poeta. Contemporâneo é aquele que divide comigo o meu tempo. Eu me reconheço nele e com ele construo uma História comum, dividimos a mesma cultura. Que história construir – talvez seja essa a questão! Que cidade, que sociedade construir a partir dos encontros (diversos encontros) que temos em nossas vidas.

Buscando compreender Niterói, é importante nos interrogarmos (ainda que sucintamente) acerca da história da cidade. Ismênia Martins

(1997) estuda a historiografia existente acerca da cidade de Niterói. O estudo da história local ganha maior significação quando inserida nos quadros mais amplos onde essa história se realiza – afinal, o conhecimento do geral é imprescindível na hora de estudarmos o particular, o singular. A análise da história da cidade revela o modo como Niterói se constituiu tendo como uma grande referência em sua vida a cidade do Rio de Janeiro; isso é verdadeiro quando pensamos no mercado de trabalho (principalmente depois da fusão), na esfera do político (pois afinal de contas, o centro do poder estava ali, ao “nosso lado”) e nos acontecimentos culturais (sempre abundantes em nossa cidade vizinha). Dessa forma, Niterói não foi efetivamente motivo de grandes reflexões históricas.

Ismênia Martins ao analisar a produção existente até a década de 80 constatou a existência de apenas 84 produções que estudavam a cidade de Niterói. Estas se caracterizam pela abordagem descritiva (presente em 49 das produções estudadas). O século XIX é o alvo preferencial dessas análises, destacando-se também o baixo número de autores, o que comprova que pouca gente escrevia sobre esse tema. Os anos 80 e 90 não trazem grandes transformações nessa realidade. Um elemento diferenciador nessa dimensão é o Programa de Pós-Graduação em História da UFF. No entanto, são poucas as dissertações de tese defendidas neste programa que tomam a cidade como objeto de estudo. Fora do âmbito da universidade, segundo Martins, a produção continua tendo como referência a cidade do Rio de Janeiro, o século XIX ainda é um privilegiado objeto de estudo e a abordagem política e administrativa continua dominante (Martins, 1997).

Mas que outros sujeitos tomam parte na produção dessa cidade? É isso que temos que nos perguntar. Os professores Ismênia de Lima Martins e Paulo Knauss na introdução que fazem ao livro “Cidade Múltipla: temas de história de Niterói” lembram que “a cidade é um objeto antigo dos historiadores”; contudo, fazem a ressalva que ela não é abordada da mesma forma pelas diversas investigações históricas. Nós também nos interessamos pela cidade e entendemos que esta é um produto das contradições sociais, culturais e econômicas que rasgam o seu dia-a-dia. A história de uma cidade não pode ser encerrada em uma única leitura. Nesse ponto, a busca por uma certa objetividade na análise não pode cegar os olhos do investigador para o fato de que construímos um olhar, uma interpretação – possível entre outras igualmente possíveis. Nas palavras de nossos autores: “a história das cidades

evidencia um movimento incessante de significação variada dos espaços” (Martins e Knauss, 1997: 10).

Enfim, conclui Martins que a história de Niterói necessita ainda de um grande esforço. Este é o desafio a ser enfrentado: procurar novas abordagens, novos olhares, novos objetos de estudo que nos permita nos aproximar um pouco mais de “tudo o que foi significativo para a construção e transformação da cidade”. Para isso, é fundamental o debate, o diálogo entre as diversas disciplinas que nos permitam construir essa história tão múltipla.

Pensar o nosso próprio tempo, nosso próprio espaço não é uma atividade fácil. O primeiro obstáculo que enfrentamos aparece na dificuldade que sentimos de nos afastar do cotidiano e desenvolver um sentido mais crítico e um certo tipo de “estranheza” que possibilita a pesquisa. Como afirma Bourdieu (1998), é importante nos afastarmos tanto do olhar do “estrangeiro” como do “nativo” para irmos além do senso comum. O processo de produção do conhecimento é sempre uma relação social, ainda que possua suas especificidades (como o estabelecimento de um determinado saber).

Voltando ao nosso tema, que cidade construir? Uma cidade onde exista não apenas leis (necessárias, mas que nada resolvem se continuarem distantes do cotidiano das pessoas), mas famílias, homens, mulheres e crianças. Por isso, a prioridade absoluta (conforme previsto em lei) para a infância e a juventude.

A cidade que queremos está “recheada” de pessoas nas ruas. Somos um povo que sempre viveu às ruas. Somos um povo festeiro. Não podemos negar raízes tão fortes em nossa cultura. A cidade que queremos é uma cidade onde a família ocupe uma posição de destaque, onde as pessoas se encontrem, nos cafés, clubes, praças, ruas, mercados, nos transportes onde possamos circular sem medo e onde possamos nos aproximar do próximo. Nesta cidade vejo crianças nas ruas, com espaços onde possam viver suas infâncias, em parques arborizados, praças, campos, escolas e espaços culturais. Espaços dos quais nossa região é rica. Nada me deixa mais triste do que olhar uma praça cercada de grades – e as grades proliferam em nossas vidas (às vezes acho que possuem uma geração espontânea!).

A segurança vem sendo apontada como uma das primeiras reivindicações da população em muitas pesquisas. Não nego a importância desse tema, mas quero o direito a circular pela cidade – esse é um dos nossos principais direitos.

Queremos o direito a um transporte de qualidade e da possibilidade de transportes “alternativos” – uma cidade como Niterói, por exemplo, pode utilizar muitas ciclovias e espaços onde possamos caminhar sem constrangimentos. O que é mais agradável do que um bom passeio pela orla? Ver um por de sol, passear nos shoppings (intelectuais também gostam de shoppings, embora nem todos confessem) para fazer compras com amigas, são alguns prazeres dos quais não devemos abrir mão. E sem esquecer do “Trailer do Berré”, em Boa Viagem.

A cidade que queremos é aquela que respeita as diferenças de gosto, de gênero, de culturas. A cidade que queremos constrói mecanismos para que homens e mulheres possam ser cidadãos no amplo sentido da palavra, ou seja, é uma cidade que possui uma política e uma ação que fortaleça o empoderamento feminino, que reconheça o potencial de 50% de nossa população – que vem trabalhando em duplas, triplas árduas jornadas de trabalho.

É uma cidade que se preocupa com a educação de suas crianças e jovens. É uma cidade onde a participação e o controle social não sejam meras palavras de ordens, mas sim instrumentos vividos e coletivos onde possamos fazer valer os nossos sonhos e as nossas vontades políticas. A cidade que queremos cumpre sua “função social” ao se voltar prioritariamente para os segmentos das camadas sociais mais empobrecidas e que precisam de uma política afirmativa para que possam gozar com maior capacidade de nossa cidade; isso significa o respeito à moradia, à educação, à saúde, à cultura e a não violência (seja contra as mulheres, as crianças, aos velhos, ao Outro).

Por isso, na cidade que imagino, os diversos poderes, as diversas secretarias só podem trabalhar conjuntamente. Nesta cidade, a universidade ocupa um lugar de destaque ao se posicionar não à frente, mas ao lado dos movimentos sociais e das instancias governamentais, colocando seu saber a serviço da construção de uma sociedade mais justa. Entendo a universidade enquanto uma instancia totalmente imersa na realidade municipal.

Assim, resumindo um pouco o “enredo desse samba”, o que se busca é uma cidade onde existam cidadãos e cidadãs – sem discriminações de gênero, classe, raça/etnia ou geracional. Penso que qualquer política para essa cidade deve ter essa dimensão como pressuposto básico. Portanto, ouvir essa população, esses cidadãos é o primeiro passo para construirmos uma cidade

realmente diferente e qualitativamente melhor. Construir esses mecanismos é uma tarefa que a universidade pode ter um papel preponderante na efetivação desse caminho. Mas é preciso caminhar...

REFERÊNCIAS:

BENJAMIM, Walter. *Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política*, 7ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. T.º Queiroz. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *Compreender. In: A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1998.

KNAUSS, Paulo. *Imagens urbanas e poder simbólico: esculturas e monumentos públicos nas cidades do Rio de Janeiro e Niterói*. Niterói, UFF – PPGH. Tese de doutoramento., 1998.

MARTINS, Ismênia de Lima & KNAUSS, Paulo (org.). Introdução. *In: Cidade múltipla: temas de história de Niterói*, Niterói: Niterói Livros; 1997.

NITERÓI. *Patrimônio cultural*. Departamento de Preservação e Reabilitação do Patrimônio Cultural/departamento de Memória Cultural de Niterói; RJ: Niterói Livros, 2000.